

Entrevista com o Professor Bautista Vidal*

Geosul – Gostaríamos de início, saber um pouco sobre onde nasceu, família, infância, os primeiros anos escolares...

Bautista – Nasci em Salvador, filho de emigrantes espanhóis. Fiz o meu curso secundário na Espanha. Aos 9 anos de idade meus pais resolveram re-emigrar para a Espanha. Aos 15 anos de idade ingressei na Universidade de Santiago de Compostela, quando meus pais convenceram-se que não se ajustavam mais ao seu país de origem e voltaram para o Brasil. Como eu tinha 15 anos a lei brasileira não permitia fazer o vestibular antes dos 18. Passei dois anos e meio esperando para fazer novo vestibular na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, onde me formei. Fui o aluno premiado pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura e quando cursava o 2º ano de engenharia participei de um curso de verão de física no ITA, em São José dos Campos, onde lecionavam os grande físicos brasileiros da época. Nesse curso conheci o cientista austriaco Guido Beck que me convidou para trabalhar com ele em física. Terminei a graduação em engenharia quando fui para o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, no Rio de Janeiro. Lá cursei disciplinas de graduação e mestrado e fiz o meu primeiro trabalho de pesquisa. Depois fui para a Universidade de Stanford, nos EUA, em 1981, cursar o doutorado em física. Voltei para a Universidade Federal da Bahia em finais de 1963 como professor. Não fui estudar fora para ser cidadão do mundo mas para continuar brasileiro e baiano. Tinha estudado muito o ramo da física nuclear e quando cheguei na Bahia constatei que não tinha nada a fazer com energia nuclear na Bahia. Com aquele sol todo, não tinha sentido. Como consequência disso

* Entrevista realizada no dia 26 de maio de 1999, durante a XX Semana da Geografia-UFSC, com a participação dos professores Maria Dolores Buss, José Messias Bastos, Pedro Antônio Vieira, Carlos José Espíndola e Marcos Aurélio da Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina e a participação especial do professor Gilberto Vasconcellos da Universidade Federal de Juiz de Fora.

mudei a minha carreira e resolvi fundar na Universidade da Bahia um centro de ensino e pesquisa em geofísica, que era a grande necessidade da Petrobrás só operando então no recôncavo baiano. A Bahia era o único local no Brasil onde se havia descoberto petróleo e toda a geofísica para a empresa era feita por empresas estrangeiras. Fundei também na Universidade o Instituto de Física e os Centros de Fracas Radioatividades e de Computação. Além de lecionar na Escola Politécnica e no Instituto de Física, criamos um curso de especialização de dois anos em geofísica para engenheiros da Petrobrás. Formamos os primeiros 60 geofísicos da empresa, fundamentais na descoberta de petróleo na plataforma continental brasileira. Com o tempo, o Centro de Geofísica da UFBA transformou-se no melhor do Hemisfério Sul. Aos 34 anos, fui chamado pelo Governador Luiz Viana Filho para ser o primeiro Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia do Brasil. Luiz Viana era um dos grandes intelectuais baianos, membro da Academia Brasileira de Letras, de grande cultura humanista. Pertencia à família tradicional; seu pai tinha sido governador da Bahia quando houve a Guerra de Canudos. Nasceu em Paris, onde o pai servia na Embaixada do Brasil. Não o conhecia quando me convidou para ser Secretário de Estado. Nessa fase fundei o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Bahia – CEPED, e várias outras organizações estaduais. Quando terminou o governo Luiz Viana fui para o Gabinete do ministro Hélio Beltrão do Planejamento e Coordenação Geral, no Rio de Janeiro, quando se elaborava o 2º Plano Nacional de Desenvolvimento - PND. Minha participação nele foi concentrada na área científica e tecnológica, naquela fase em que o Governo Federal tinha compromisso com o planejamento do desenvolvimento nacional. Fizemos o I. e o II Planos Nacionais de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O CEPED localizou-se dentro do Pólo Petroquímico de Camaçari que estava sendo instalado. Esse foi um período de muitas realizações, montavam-se na Bahia o Centro Industrial de Aratú e o Complexo Petroquímico. Com Hélio Beltrão e José Pelúcio, no Ministério do Planejamento, criamos a FINEP como financiadora de projetos tecnológicos e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FNDCT. Foi uma época com amplos recursos para o setor pois se estava caminhando para a autonomia tecnológica

mudando o modelo econômico da CEPAL que se fundamentava em uso indiscriminado de pacotes tecnológicos externos. Nessa época já era conselheiro do CNPq e da CAPES, onde fui presidente do seu Conselho Deliberativo.

Geosul – Isso quantos anos o senhor tinha?

Bautista – Tinha 39 anos quando Severo Gomes assumiu o Ministério da Indústria e do Comércio e me convidou para assumir a Secretaria de Tecnologia Industrial - STI. Isso já foi em 1974. Fiquei no cargo até março de 1979, quando promovemos o surgimento do Programa Nacional do Alcool. Quando assumi a Secretaria de Tecnologia ela tinha apenas um ano de existência. Havia umas dez pessoas de nível trabalhando. Quando saí deixei mais de duas mil pessoas diretamente ligadas à STI e cerca de 140 Centros Tecnológicos operando em todo o país e por ela coordenados. Foi uma fase muito rica, de muita criatividade. Estava-se montando um projeto nacional industrial autônomo com tecnologia própria. Além do programa do álcool, atuávamos em todos os campos industriais, desde a área aeronáutica permitindo a criação da Embraer, até a Petrobrás, onde o seu centro tecnológico dava os primeiros passos. Surgiram centros tecnológicos em todas as empresas estratégicas e básicas de economia mista: Vale do Rio Doce, Eletrobrás. Usiminas etc.. Fundamos então trinta e poucas instituições tecnológicas: de alimentos no Rio Grande, de couros e calçados em Novo Hamburgo, de máquinas agrícolas na região das Missões. Apoiamos vários projetos na Universidade Federal de Santa Catarina, especialmente na área da mecânica, envolvendo indústrias de bens e capital da região de Tubarão e Criciúma. Desenvolveram-se as primeiras pesquisas de cepas vinícolas na Universidade de Santa Maria, de equipamentos médicos em São Carlos e de lapidação de pedras preciosas no Estado do Rio. Fundamos a Companhia de Desenvolvimento Tecnológico – CODETEC atuando na área farmacêutica junto à UNICAP e surgiram centros tecnológicos semelhantes ao CEPED em Minas Gerais e outros estados da Federação. Era procurada a autonomia tecnológica da empresa de capital nacional. Confrontava-se assim o modelo de crescimento dependente da CEPAL, que vingara até então. Comandávamos um complexo de institutos nacionais, de propriedade industrial, de transferência de tecnologia, de marcas e

patentes e cerca de 140 centros tecnológicos de produção, incluindo os que foram então criados nas empresas estratégicas de economia mista. Participávamos dos órgãos de decisão política do Ministério da Indústria e do Comércio: Conselho de Desenvolvimento Industrial - CDI, CONCEX, do comércio externo etc. e representávamos o ministério naqueles que situavam-se em outros ministérios, como Recursos do Mar, Atividades Espaciais, Comunicações etc.. Saí da STI em 79 e fui para o IPEA, meu órgão de origem, onde era técnico sênior. Era o governo Figueiredo, com Delfim Neto no Ministério da Agricultura e depois na Fazenda. Fui então convidado pelo antigo BNDE para fazer uma conferência no 1º Congresso da Indústria de Bens de Capital. Como consequência dessa conferência, fui demitido sem justa causa do IPEA, função que só recuperei 7 anos depois com a nova Constituição de 88. O texto dessa conferência é o segundo capítulo do livro “De Estado Servil à Nação Soberana”. Nele contestei o modelo entreguista que, naquela época, nem se podia imaginar que chegasse ao nível que chegou hoje. Contestava o modelo dependente da CEPAL como inadequado ao Brasil. Então nem se pensava na destruição econômica de controle nacional que veio depois a ocorrer com o neoliberalismo, impondo maiores lesões à autonomia nacional. Passamos então momentos difíceis, indo trabalhar na Folha de São Paulo e posteriormente na UNICAMP.

Geosul – 1979 parece ser um ponto de inflexão importante na economia brasileira. Queria que o senhor detalhasse um pouco mais como é que foi a destruição da Secretaria de Tecnologia Industrial, quais os mecanismos usados para a sua destruição e as consequências.

Bautista – Entendemos depois que a autonomia que desejávamos para o Brasil estava indo longe demais para os interesses hegemônicos externos. Montamos um programa energético alternativo a derivado de petróleo que ninguém conseguiu. Tínhamos montado uma indústria de bens de capital em mãos de capitais nacionais e estávamos avançando muito na área tecnológica criando pacotes próprios, avançando rapidamente na educação de pós-graduação. Criamos nesse período de 66 até 78, tendo por base o FNDCT, a CAPES e o CNPq, uma centena de cursos de mestrado e doutorado. Ou seja, o Brasil estava se

transformando numa nação com capacidade de vir a ser autônoma no campo tecnológico nas áreas de sua vocação, ou seja, uma nação muito poderosa pelos recursos naturais que dispunha. Isto não foi bem visto pelas forças colônias externas. Em 1978, o Kissinger, representando a Trilateral, afirmou que a segurança dos EUA não podia permitir um outro Japão ao sul do Equador. Embora usassem o exemplo do Japão, sabiam que o Brasil é muito mais rico que o Japão. Este teve grande sucesso deixando de ser um país medieval e transformando-se em potência industrial; mas não tem a riqueza energética, mineral, de água etc. que nós temos. Eles viram: “esses moços passam a dominar a tecnologia de suas áreas de vocação, montam um parque industrial competitivo e com a riqueza natural que têm em seu território vão se transformar em grande potência”. Essa é a minha versão do que provocou 1979. Com essa frase iniciou-se o processo neoliberal que, na realidade, consumou-se no poder com a eleição de Collor de Mello, mas teve início em 1979. Ou seja, a preparação para o neo-liberalismo começou na última fase do regime militar, com o presidente Figueiredo que deixou o barco correr e começou a desmontar o que tinha sido feito no governo Geisel. Ele não fazia parte da linha nacionalista dos militares. Chamou logo Delfim Neto para ser o homem forte de seu governo. Houve então um confronto com os nacionalistas liderados pelo general Andrada Serpa. O começo do desmonte do Estado já estava embutido nas propostas do FMI que, naquele momento não era muito explícito, fazia a preparação ideológica, via a Trilateral. Depois o FMI e o Banco Mundial comandaram o processo neoliberal e, com FHC, transformaram o Brasil em seu protetorado. O neo-liberalismo chegou a seu apogeu a partir do final dos anos 80, quando houve uma mudança profunda ainda no regime militar. O general Andrada Serpa foi praticamente posto de pijama, embora ainda estivesse na ativa, membro do alto comando. Ele devia ter sido comandante do 3º Exército, e portanto o homem mais poderoso da área militar, mas caiu em desgraça pela fraqueza de Figueiredo, cercado de entreguistas. O general Andrada Serpa tinha o seu irmão como ministro do EMFA; ele pretendia montar um governo nacionalista de sucessão ao governo Geisel. Houve então um golpe que começou com a derrubada do ministro Severo Gomes da Indústria e do Comércio. O gal.

Andrada Serpa ficou sem cargo, embora ainda na ativa. Todos caímos em desgraça, terminei sendo demitido sem justa causa e o general Serpa foi mandado para a reserva. Tudo se configurou em torno a Golbery, Roberto Campos, Delfin Neto, em ressonância com a posição da Trilateral que já tinha decidido arrebentar com o desenvolvimento brasileiro. A “abertura” do Tancredo foi a porta escancarada para a entrada triunfal do neocolonialismo que tomou o nome de neoliberalismo e que perdura até hoje, quando se consuma a ruína do Brasil.

Geosul – O senhor seria ministro do Planejamento?

Bautista – Não. Seria criado um Ministério de Energias Especiais, para implantar, levar avante um amplo programa de biomassa energética. Chegou a sair no Correio Brasiliense que eu seria presidente da Petrobrás. O Correio Brasiliense era então uma espécie de diário oficial do regime.

Geosul – O João Paulo Reis Veloso, nesse momento, em 1979, estava a seu lado?

Bautista – Não. Nosso grupo era constituído de Severo Gomes, Paulo Belotti, General Andrada Serpa, o presidente Geisel e muitos outros. O Reis Veloso apenas aparentava, ele era supostamente desenvolvimentista, mas baseando-se em corporações transnacionais e em dinheiro externo. O nosso projeto era outro, visava a construção de um país independente, autônomo nos campos tecnológico e energético, com adequada distribuição de renda, nível educacional alto e baseado no mercado interno. Nosso projeto era um projeto de continuidade da era de Getúlio. No fundo todos os nacionalistas que fomos trabalhar com Geisel, o fizemos porque víamos nele a retomada do projeto de Getúlio: a construção de uma nação autônoma, de verdade.

Geosul – O senhor já tinha então a concepção, vamos dizer assim, do papel da biomassa?

Bautista – Não, os primórdios dessa concepção surgiram quando assumi a Secretaria de Tecnologia Industrial, em 1974. Vale a pena detalhar um pouco como isso aconteceu: eu estava como professor visitante na Universidade do Texas, quando ocorreu o embargo do Petróleo. Estava com uma bolsa de professor visitante que podia viajar pelos EUA, podia falar com autoridades, ministros, etc.. Aproveitei essa oportunidade única. Então viviam

os EUA uma crise violenta, quase desmoronou de sua posição arrogante. Todo aquele sistema de consumo caiu humilhado ante filas imensas para abastecer seus carrões. Havia até assassinatos nas filas. O americano sentiu sua fragilidade ante o petróleo. O sistema de vida americana quase entrou em colapso. Visitei os grandes centros do poder do petróleo. Fui a Houston que era ao lado de Austin, onde estava a Universidade do Texas e conversei com os “top men” do petróleo mundial. Eles se referiam com uma linguagem violentíssima contra os homens da indústria automobilística – Detroit -, que tinham então o poder americano. Houve então uma grande batalha interna que resultou na mudança do poder americano e mundial. A indústria automobilística que comandava Washington foi substituída pelos homens do petróleo. Entendi que o embargo não era coisa de árabes, era uma situação que resultava do petróleo estar indicando o seu fim e as nações hegemônicas estavam desesperadas, sem saída. Até então, das vinte maiores corporações mundiais, apenas uma era de petróleo. Depois do embargo passaram a ser nove.

Chego ao Brasil em fevereiro de 1974 e Severo Gomes, via Paulo Belotti, a quem conhecia, me convida para ser Secretário de Tecnologia Industrial do Ministério da Indústria e do Comércio. A primeira coisa que fiz foi chamar gente muito competente na área energética. Fizemos uma equipe de gente altamente experiente: físicos, gente da área nuclear, da área elétrica, de todos os setores, e fizemos uma avaliação global da questão energética mundial. Chegamos à conclusão que o Brasil tinha o grande potencial energético mundial, por meio da biomassa, a partir do sol, o reator a fusão nuclear. Foi um estudo profundo, abrangente. A partir daí começamos a identificar que não tínhamos tecnologia adequada e atual para implantar um sistema energético com essa fonte extensiva. Tínhamos que montar uma estrutura tecnológica de motores, turbinas, produção de álcool, distribuição etc.. Saímos em campo e o primeiro organismo que nós montamos foi um grupo que passou a ser o melhor do mundo em tecnologia de combustível alternativo, no Centro Técnico Aéreo Espacial -CTA, do Ministério da Aeronáutica. Nosso instituto tecnológico mais competente nessa área. Tínhamos subordinados à STI o tradicional Instituto Nacional de Tecnologia, onde concentrei todo o desenvolvimento

tecnológico de uso da mandioca para a produção de álcool; na UNICAMP e muitos outros institutos montamos uma rede de projetos tecnológicas e pacotes para viabilizar alternativas para todos os derivados do petróleo. Nós não importamos gasolina mas petróleo, e por isso tínhamos que substituir todos os seus derivados e não somente a gasolina. Até esse estudo global, nenhum de nós sabia que o Brasil tinha essa potencialidade, de ser a grande potência energética do planeta. Nós nos debruçamos e começamos a aprofundar a questão e descobrimos isso. Em 1974/75 descobrimos que somos o país que pode desempenhar esse papel. O desenvolvimento tecnológico estava em marcha no CTA na área de motores, no Instituto Nacional de Tecnologia e em muitos outros institutos uma plêiade de projetos tecnológicos vinculados a um amplo espectro de realizações, desde o desenvolvimento de um sacarímetro a “laser” até o pacote tecnológico para a produção industrial de álcool a partir da mandioca, então não dominada. Houve então a visita do presidente Geisel ao CTA. Quando ele passou na porta dos laboratórios onde se realizava o projeto da STI do carro a álcool manifestou interesse de conhecer o que estava sendo feito. Quando ele entrou, com vários ministros, o governador de São Paulo, permaneceu duas horas discutindo com os técnicos o que estava sendo feito. Nem Severo nem eu estávamos lá. No dia seguinte todos os jornais falavam do combustível álcool como substituto da gasolina. A questão do álcool já estava nas ruas. E aí foi difícil segurar, embora não queríamos divulgar ainda, tudo estava sendo feito em segredo porque tecnologia é segredo, a indústria automobilística toda era contrária. Queríamos por isso entrar com muita segurança, mas fomos surpreendidos. Houve uma corrida enorme dentro do governo para se apoderarem do programa, principalmente do Reis Veloso que queria tomar o programa para si sem nada ter feito. Não permiti. O Geisel desde os 20 e poucos anos era ligado à questão energética. Ele foi durante muitos anos representante do Exército no Conselho Nacional do Petróleo, organismo que cuidava da questão petróleo antes da Petrobrás e terminou presidente desta. Ou seja, ele conhecia essas questões, e aí ele tomou um choque, ao ver aquelas realizações que estavam sendo feitas na área tecnológica, e eu não deixei ninguém ter acesso aos resultados. Nessas horas os aventureiros aparecem

para se beneficiar do que foi feito. Preparei um documento que o ministro Severo Gomes levou para a reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico - CDE, presidida pelo próprio Geisel e do qual faziam parte os principais ministros da área econômica e que decidiam as grandes políticas nacionais. Naquela reunião, baseado no trabalho que elaborei, que era fruto de quase dois anos de equacionamentos tecnológicos, nós já estávamos dominando tudo, foi decidido a criação do Programa Nacional do Álcool que surgiu em novembro de 1975. Entramos na STI em março de 74, em novembro de 75 foi criado por decreto o Proálcool. Aí a coisa começou a tomar corpo.

Geosul – Nesse momento o Geisel já tomava conhecimento do programa e já abria todas as portas para ele?

Bautista – Ele tinha um grande respeito pelo Paulo Belotti, que era o Secretário Geral do Ministério. Eu era Secretário de Tecnologia Industrial, o Paulo Vieira Belotti, engenheiro muito preparado, era um dos homens chave do Geisel, desempenhou papel fundamental. Juntos com o Severo, nós três enfrentamos o Simonsen, o Veloso, o Golbery, dentro do governo. Eles não acreditavam em soluções brasileiras. A favor do programa estavam o General Andrada Serpa e o senador Teotônio Vilela. A linha nacionalista enfrentando a corrente financeira, entreguista.

Geosul – Existe uma analogia entre as substituições nas importações e o embargo do petróleo? Se não fosse o embargo do petróleo e as condições externas a pressionar a questão do combustível, talvez esse processo não existisse. Havia nesse sentido pressões para não seguir em frente com o projeto do álcool?

Bautista – A indústria automobilística reagiu inicialmente muito negativamente a esta questão. A primeira vez que foi falado em público sobre a substituição da gasolina pelo álcool, foi no primeiro congresso da indústria automobilística, com os presidentes de todas as multinacionais, na sede da FIESP. Severo Gomes, como ministro da área econômica, foi convidado a fazer um pronunciamento. Severo então me designou para falar por ele. Coloquei, então, pela primeira vez a questão do álcool. Houve uma perplexidade geral. Severo evidentemente leu o meu documento antes, estava completamente de acordo. Estava presente quando eu

falava o representando. Passei aos organizadores do congresso dezenas de cópias para serem distribuídas. As cópias sumiram, não foram distribuídas e houve um mal estar muito grande. Foi a primeira vez que o assunto foi falado em público, pela autoridade do ministro. Isso ocorreu dois a três meses antes da visita do Geisel ao CTA. É muito curioso que quando nós montamos o programa do álcool, nós fizemos toda uma avaliação tecnológica preliminar para obter o apoio financeiro do FNDCT, que era controlado pelo Reis Veloso. Foi elaborado um programa para fazer parte do plano nacional de desenvolvimento. Eram o Ministério do Planejamento e o CNPq que deveriam incluí-lo no II PND. Eles recusaram-se a aceitar o programa do álcool que não foi oficializado, ou seja, não recebemos o apoio do Fundo Nacional, usei então os recursos dos serviços prestados pelos institutos subordinados a mim na STI. Não tivemos o apoio formal das verbas da área científica e tecnológica, que eram muito elevadas na época. Foi assim uma guerra dentro do próprio governo para conseguir recursos para os desenvolvimentos tecnológicos. E a indústria automobilística sempre rejeitando; levou muito tempo para elas aceitarem a hipótese dos carros saírem em linha de produção já adaptados para o uso do álcool exclusivo. Tivemos o apoio de sempre do Centro Técnico Aeroespacial de São José dos Campos, conduzido por militares nacionalistas da aeronáutica, um deles era o brigadeiro Sérgio Ferola, atual presidente de Superior Tribunal Militar; ele era major naquela época. O Diretor do CTA era o brigadeiro Paulo Victor, principal responsável pela EMBRAER, indústria aeronáutica brasileira que tanto sucesso fez com seus aviões no mercado internacional. Como Secretário apoiamos decisivamente essas forças nacionalistas confrontando modelo de crescimento dependente da CEPAL, que tinha o apoio do sistema econômico, entre aspas, que obedecia à linha da CEPAL. Isto foi feito porém sem hostilizar os defensores do modelo da CEPAL que conviviam com o modelo independente.

Geosul – Vocês usaram de algum artifício para convencer?

Bautista – Não era uma questão de convencimento. Nós dominávamos a tecnologia para o uso do álcool e eles, que fabricavam os motores, não. Nós preparamos retificadoras para converter os motores a gasolina para o uso do álcool. Colocamos equipes técnicas treinadas dentro dessas retificadoras e aí elas se

capacitaram e começamos a converter veículos para o uso do álcool, e ao mesmo tempo produzimos álcool. Assim, criamos o caso. Tínhamos o apoio não só do Geisel, mas do presidente do Conselho Nacional do Petróleo que era um general nacionalista. Do presidente da Petrobrás, general Araken de Oliveira, do presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, o general Carmo, também nacionalista, e do general Alencastro que como presidente da Telebrás pôs os carros do sistema para testar o uso do álcool como combustível. Vejam o contexto da batalha pelo uso do combustível nacional; ao mesmo tempo estavam Simonsen, Delfim Neto, Reis Veloso e Golbery jogando em outro time e vetando a disponibilidade de recursos. Havia um grupo de generais nacionalistas tomando possível a substituição extensiva do derivado do petróleo pelo álcool.

Geosul – Delfim nessa época estava na Europa?

Bautista – Delfim era embaixador em Paris, ele não estava no Brasil. Era o Reis Veloso e o Simonsen que comandavam o “time” dos tecnocratas. Começou com Roberto Campos, depois veio Delfim, Simonsen etc... O Simonsen era o ministro da fazenda e o Veloso do planejamento, ambos da linha entreguista. O Veloso intervia mais e aparentava jogar do nosso lado, o que nem sempre era verdade.

Geosul – Mas quem se subordinava ao Geisel para tocar o projeto nacionalista? Quer dizer, o Geisel na verdade dava a linha para eles?

Bautista – O projeto nacionalista deles não era tão nacionalista assim, porque era fundamentado na linha da CEPAL, dos pacotes tecnológicos externos, de ter uma indústria dependente desses pacotes de corporações transnacionais e da condução do nosso mercado interno por essas corporações. Foi então quando a dívida externa começou a crescer até alcançar o absurdo que é hoje. Eles se fundamentavam no processo dito desenvolvimentista e usavam como base as corporações transnacionais. Entregaram o nosso mercado interno a elas. É claro que havia na mesma época um grande estímulo à empresa de capital nacional, ao contrário do que ocorre hoje. A tese da CEPAL era que as transnacionais, como a indústria automobilística, as montadoras, puxavam as indústrias de componentes que eram de capital nacional. Nesse sentido, o

modelo da CEPAL representou um certo avanço. Hoje retrocedemos, muitos fabricantes de componentes passaram a mãos internacionais.

Geosul – Isso é resultado da instrução número 70 da SEMOC, que foi gerada no segundo governo Vargas e que frutificou no período do Juscelino?

Bautista – Esse modelo de crescimento econômico dependente foi implantado no governo Juscelino. Era um modelo suicida a longo prazo, como hoje podemos verificar, mas era desenvolvimentista quando visto da ótica da época. Ele provocou a industrialização que levou o Brasil a ser o oitavo país industrializado do mundo. Ou seja, não era um projeto nacionalista, fundamentado na autonomia nacional, era um projeto de industrialização e desenvolvimentista, tendo por base os pacotes tecnológicos das corporações transnacionais. A tese que dava força a eles estava contida naquele slogan de Juscelino. “Crescer 50 anos em 5”. Como se isto fosse possível! Então traziam as transnacionais, que criavam empregos industriais, alibi social muito forte. Só que fundamentava-se no controle dos pacotes tecnológicos pelas transnacionais. Por isso esse período não foi nacionalista, como se dizia.

Geosul – Então o Pró-Álcool foi a primeira ruptura contra o modelo da CEPAL?

Bautista – Não só o Pró-Álcool, a EMBRAER, no ministério da aeronáutica com projetos de aviões com tecnologia própria. A Petrobrás entrava duro nesse contexto e as demais empresas estratégicas de economia mista, todas criaram centros tecnológicos. Então, ali começou a ruptura com o modelo dependente, na linha nacionalista do Getúlio, no governo Geisel.

Geosul – Professor, como é que foi o papel da Eletrobrás na construção dessa infraestrutura em termos de hidrelétricas e se pudesse falar um pouco do Pinguelli Rosa.

Bautista – O Pinguelli Rosa e o Rogério Cerqueira Leite estiveram sempre no mundo acadêmico, eles não participaram da construção das infra-estruturas de poder, um negócio pesado. A Eletrobrás representa um gigantesco sistema integrado de fontes limpas e renováveis de energia, dos mais importantes em todo o mundo e em mãos nacionais. A internacionalização desse sistema, sua pulverização entre muitas empresas estrangeiras e a tendência ao

uso de combustível poluidor – gás de petróleo - com a fonte fora do país, representa um dos maiores crimes jamais cometidos contra uma nação. É o que FHC está fazendo agora com a implantação de 49 termoeletricas a gás. Trata-se ademais da transferência para fora do país de cruciais decisões relacionadas com o desenvolvimento regional e nacional. Ficará difícil promover no futuro o desenvolvimento de imensas áreas do território nacional pois o comando das fontes de energia, o gás, está fora do país, na Bolívia, Argentina e Peru.

Geosul – Vivi uma certa experiência a respeito do Projeto Radam, me parece que ele estava embricado com tudo isso?

Bautista – O Projeto Radam ocorre no governo Figueiredo, uma realização da maior importância. O general Venturine que era o melhor homem desse governo montou o Projeto Radam que visava a realização do levantamento dos recursos naturais da Amazônia. Um trabalho de grande extensão e significação nacional. Quando o governo Figueiredo terminou e veio o Sarney, o Severo Gomes que era senador e figura muito importante dentro do PMDB, muito ligado a Ulisses Guimarães, foi um grande defensor da continuidade do Projeto Radam que a “nova” República queria interromper. Severo Gomes propôs meu nome para a presidência do Radam tendo conseguido um amplo apoio para isso. Chegou a fazer grande mobilização na área do Congresso. De nada adiantou, o Tancredo Neves já tinha entregue o Projeto Radam e o governo Sarney apenas confirmou. Todo o acervo levantado foi transferido para o IBGE e nada mais se fez nessa estratégica região. Mais um crime de lesa pátria.

Geosul – Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o Projeto Calha Norte. Eram nacionalistas ou não eram nacionalista os que estavam nele?

Bautista – As minhas responsabilidades eram concentradas na área tecnológica um dos setores mais estratégicos do poder mundial. Nós procurávamos evitar conflitos desnecessários com outras áreas nas quais não tínhamos possibilidades de influir de modo decisivo. Por exemplo, tanto o Paulo Belotti que é engenheiro nuclear, como eu, não estávamos de acordo com o projeto nuclear com a Alemanha, mas evitamos entrar nessa guerra, porque estávamos implantando o programa do álcool, um dos derivados da biomassa

tropical que substitui a gasolina, de grande potencial. Este é um caminho, sem dúvida, muito mais importante que a produção de energia de fontes nucleares. Então nós não nos metíamos em outras áreas, ou seja, pagávamos o preço para preservar o que estávamos fazendo pois considerávamos isso muito importante. A Calha Norte foi realmente um projeto nacionalista e a meta era ocupar a região estratégica da Amazônia, não por forças armadas, mas por iniciativa das forças armadas, e envolvendo vastas áreas do mundo civil, inclusive estudantes, universidades e todas as áreas do governo, transportes, comunicação, trabalho etc.. Foi-me relatado por docentes e estudantes da Universidade Federal do Mato Grosso que foram chamados a ajudar no projeto da Calha Norte o excelente trabalho que fizeram, quando passaram a ter um entendimento entusiasmado com os militares. Esse programa representou uma maneira inteligente de ocupar, conhecer e evitar qualquer problema futuro no imenso vazio que é a Amazônia. O Projeto Calha Norte foi um projeto dessa natureza: dar aos brasileiros o controle daquela estratégica região. As Forças Armadas são dos poucos setores do governo que estão instalados lá. Quando os objetivos nacionalistas ficaram claros começaram as restrições ao programa. Quando veio o neoliberalismo cortaram os meios e as demais áreas do governo não executaram o que deviam. Hoje com os graves perigos que corre a Amazônia, se está voltando a falar nesse programa. Não creio porém que o governo entreguista de FHC venha a fazer isso pois, ele serve à destruição nacional e a perda da Amazônia faz parte desse roteiro.

Geosul – E o Projeto Jari?

Bautista – O Projeto Jari foi uma aventura antinacional feita por entreguistas como Golbery do Couto e Silva, seu auxiliar o capitão Heitor de Aquino, o grupo Antunes e outros. O Almirante Roberto Gama e Silva, nacionalista e amazônida foi quem deu a resposta a esse absurdo projeto, mandando retirar uma bandeira norte-americana colocada nos territórios do projeto. Graças a ele, o projeto terminou sendo desmontando. Recentemente um jornalista que o entrevistou afirmou “mas o senhor destruiu o Projeto Jari”. Ele respondeu: “Destruí sim, e voltaria a destruir de novo”. Na questão dos militares é muito importante conhecer quem é quem, há uma tremenda propaganda externa para desmoralizar os

militares ante a população porque eles são fundamentais para recuperarmos a soberania. A globalização significa nossa destruição como povo e como cultura e muita gente parece desconhecer esse fato fundamental.

Geosul – Esse mapa que o senhor esta dando da participação dos nacionalistas no projeto desenvolvimentista, eu queria que o senhor trouxesse para hoje, como é que estão os militares, a ala nacionalista, diante do desmonte da nação.

Bautista – Olha, os militares da ativa, estão muito recolhidos, eles saíram muito chamuscados do processo de 64, e eu diria até que injustamente. Eles ganharam a conotação de entreguistas, sendo em grande parte nacionalistas. Quer dizer, isso foi decorrente de uma situação muito complicada que resultou em 1964, no qual Castelo Branco era muito vinculado ao general norte-americano Vernon Walter que foi diretor da CIA. O Vernon Walter foi chefe na FEB de Castelo Branco, que terminou entregando o poder ao Roberto Campos. Então este “sentou praça” instalando o poder dos tecnocratas, onde estão até hoje, cada vez com mais poder, principalmente depois da saída dos militares. Eles atuam por meio do setor financeiro, com a dinâmica das dívidas externa e interna, este sempre foi a cunha entreguista do governo. Na época dos militares, até que Roberto Campos atuava cautelosamente, porque ele sabia que os militares não aceitavam o entreguismo passar além de um certo limite. Ele jamais cogitou da privatização das empresas estratégicas brasileiras, jamais passou pela sua cabeça tal crime contra o país. Hoje ele é o principal paladino da internacionalização dessas empresas e seus respectivos patrimônios. O grupo dos tecnocratas ficou muito fortalecido depois da chamada abertura. Os militares freavam essa ação. Alguns militares, atuando em áreas não vinculadas diretamente ao comando das forças armadas, fizeram coisas inaceitáveis, mas não eram subordinados à estrutura militar. Eram setores paralelos sob o comando de forças externas. Isso deixou marcas muito fortes, ainda não suficientemente esclarecidas. Hoje, os militares da ativa não querem aproximação com o governo e com os políticos. Atuam intra-muros, mas remoendo as questões que estamos começando a viver; da possível perda de território, da perda da soberania. A gente sabe muito pouco através dos militares da ativa.

Muitos poucos se explicitam claramente; o brigadeiro Sérgio Ferola é um dos poucos que defendem o Brasil em público. Ele é um militar de quatro estrelas, da ativa, e um homem de grande tradição na área tecnológica, um dos homens mais competentes que temos hoje em nosso país, como foi o general Andrada Serpa no passado. É um homem que conhece tecnologia de mísseis, de aviões, um homem da fronteira do conhecimento tecnológico no quadro mundial e que toma posições claras em relação à defesa da soberania nacional. A idéia que se tem hoje, sempre por meio de militares da reserva, é um profundo desagrado com a linha entreguista do governo pelos tecnocratas que governam de modo tirânico o país, pela via financeira. Há militares que se rebelaram quando ainda estavam na ativa, formando a Centelha Nativista, cujo lema é :“Brasil Acima de Tudo”. Depois promoveram a candidatura Euler Bentes Monteiro à Presidência da República.

Geosul – Quería que o senhor voltasse um pouco aos anos 70. No governo Geisel, houve congelamento da correção monetária e nesse período favoreceu bastante o desenvolvimento da indústria de bens de capital. A partir dos anos 80 o Brasil passa a ter superávit significativo na balança comercial. Nesse momento Delfim Neto estava no comando da economia. Se o ritmo era de crescimento até o fim do governo Figueiredo - era de 16% -, esse ritmo cai para 5% até os dias de hoje. Gostaria que fizesse esse paralelo.

Bautista – As políticas chamadas desenvolvimentistas foram, apesar de tudo, favoráveis ao Brasil. Não era porém uma política de autonomia nacional. Ela visava apenas ao crescimento econômico com a participação estratégica das corporações transnacionais que nesse período se consolidaram aqui dentro. Depois, com o neo-liberalismo, o modelo dependente da CEPAL já consolidado, deu o troco contra nós. A montagem que ocorreu nessa época, fruto desse modelo de dependência tecnológica, preparou a estrutura produtiva para o neo-liberalismo, que veio a ocorrer com facilidade a partir de 1989. As estruturas tecnológicas não foram montadas para um modelo soberano mas dependente. O confronto com esse modelo estava sendo feito no governo Geisel, quando se começou a levar avante um outro modelo de autonomia tecnológica, com algum sucesso. Depois, no governo Figueiredo, a

partir de 1979, o Delfim Neto se encarregou de desmontá-lo. Por isso, 1979 foi, do ponto de vista de entrega do país, muito mais grave do que 1964. Em 1979 houve intervenção externa explícita na economia nacional; 64 não foi assim, houve o apoio externo mas foi permitido um processo desenvolvimentista não autônomo do ponto de vista tecnológico, reforçado pelas idéias da CEPAL. Muitas coisas a favor do Brasil foram conseguidas nessa época, construímos um parque industrial ponderável. Muita gente coloca o segundo PND como algo muito importante, mas tinha no seu bojo a dependência tecnológica que no período Geisel procurou-se corrigir..

Geosul – Em 79 estava na pauta a questão tecnológica, a questão geo-política mundial da escassez de petróleo.

Bautista – O segundo PND não cuidou da questão tecnológica, mas dava ênfase à questão científica. A questão científica não compromete o poder, termina favorecendo as matrizes hegemônicas do mundo. Por iniciativa do grupo nacionalista do período Geisel, nós entramos na questão tecnológica, que é a questão crucial do poder e de autonomia nacional. Foi nesse contexto que surgiram as evidências quanto ao poderio com combustíveis renováveis e limpos dos trópicos cuja ponta do “iceberg” foi o programa do álcool. Fomos longe demais, os americanos se assustaram com o êxito do Brasil e procuraram, a partir daí, nos arrebentar. Em 79 começou o processo de destruição, o primeiro setor a ser atingido, antes do neoliberalismo, foi o setor tecnológico industrial, ainda no governo Figueiredo.

Geosul – A destruição da Secretaria de Tecnologia Industrial, começou aí?

Bautista – A tal ponto que foi desmantelada. Tendo saído da STI em março de 1979, voltei a ser Secretário de Tecnologia no governo Sarney, sete anos depois, quando a encontrei praticamente destruída. Essa foi uma experiência fundamental porque se eu não tivesse sido secretário então, não acreditaria do que seriam capazes de fazer com ela nesse período. Quando voltei já não tinha mais nada, nem a vontade de reconstruir existia. Os que fizeram o serviço nesse período foram altamente recompensados até hoje.

Geosul – Quais as possibilidades de recuperar isso dentro do governo Sarney, quais as forças que estavam em jogo, porque o

governo Sarney teve aquela coisa de conseguir combater a inflação durante um certo período, e depois as coisas desandaram e por exemplo, tinha uma briga dentro do grupo da UNICAMP, uns queriam uma parcela de poder, outros queriam outra. Como é que o senhor via essas brigas pelo poder dentro do governo Sarney?

Bautista – Na realidade, o governo Sarney só teve um período de um certo nacionalismo, no qual esteve envolvido o próprio Severo Gomes, que foi na administração do ministro Funaro como ministro da Fazenda. Ele era um industrial, não um tecnocrata. Funaro foi colocado graças à força que o Ulisses tinha naquele período e o Severo então trouxe para o contexto um defensor legítimo dos interesses das empresas de capital nacional, setor essencial para enfrentar as forças das corporações transnacionais, apátridas. Ele veio também para substituir a delinquência da política financeira da moeda falsa e comandar uma política verdadeiramente econômica. Começou decretando a moratória com o espúrio sistema financeiro internacional. Quando ele estava no exterior negociando esses interesses fundamentais foi covardemente demitido. Como consequência, Sarney ganhou mais um ano de governo, prêmio pela cabeça do Funaro. Estava na STI na época do Funaro, ele era meu amigo, era amigo íntimo do Severo, conversamos várias vezes com ele. Havia com ele uma coincidência muito grande de idéias. A máquina do Ministério da Fazenda era uma máquina montada pelos tecnocratas. Ele era um homem sozinho naquele cipoal de víboras, era a impressão que eu tinha. Nós conversávamos, decidíamos as coisas, quando ele mandava executar era tudo sabotado no segundo escalão.

Geosul – De onde vinha a sabotagem, do grupo do UNICAMP?

Bautista – Não necessariamente, havia um grupo da UNICAMP que ajudava o Funaro, eram o Belluzzo e o João Manuel, também amigos do Severo Gomes e, também, o Paulo Nogueira Batista Filho, filho do embaixador que primeiro denunciou o “Consenso” de Washington. Apesar de não entenderem da questão tecnológica defendiam a empresa nacional e o nosso mercado interno. Estes vieram com ele. A máquina carcomida do ministério não foi alterada, vinham da época de Roberto Campos, Delfin Neto e Mário Simonsen, para não falar de Dornelles, sobrinho do

Tancredo Neves. Eram da linha neoliberal e trabalhavam na linha das idéias entreguistas do modelo dependente.

Geosul – O senhor quando proferiu a palestra falou que tem esperança em relação ao desmonte que foi feito a partir de 79. Dá para falar um pouco dessa esperança, ou seja, tudo está perdido ou nós temos condições de recuperar o que já foi perdido?

Bautista – Bom, temos que partir de uma postura idealista e nisso eu me inspiro no General Andrada Serpa. Ele foi um dos brasileiros mais capazes desse século, inclusive politicamente; um nacionalista convicto, tinha na alma o espírito do Patriarca, um seu ancestral. O General Serpa dizia quando nos desesperávamos: “meu filho, não se preocupe, tudo nós iremos reverter, a única coisa que não pode acontecer é parar de nascer brasileiros”. Eu confio nesse pensamento do Serpa, acho que nós, uma vez conscientizados, vamos ter condições de reverter esse processo. Não tenho dúvida. Primeiro que, por exemplo, um dos setores mais nocivos do neoliberalismo, as privatizações, digo, as internacionalizações de nossas empresas estratégicas e básicas, foram doações ilegais a grupos internacionais duvidosos, a troco de nada. Isso tudo está ferindo a legislação brasileira, a constituição. Montanhas de processos estão na justiça aguardando análise. Até que se interprete a jogada do Antonio Carlos Magalhães de desmoralizar a justiça, acreditamos que ela reverterá tudo. Por exemplo, a Vale do Rio Doce, além do absurdo do processo de entrega do seu controle por 800 milhões de dólares a grupos internacionais suspeitos, pois o resto foi dinheiro nosso, dinheiro dos fundos de pensão e dinheiro do BNDES. Na realidade, foram apenas 800 milhões. Na mesma ocasião foi vendido uma fábrica de biscoito nos EUA, por 28 bilhões de dólares. Quer dizer, todas as jazidas, milhares de jazidas foram entregues de graça. No caso da Vale do Rio Doce, há no Código Penal Militar brasileiro um artigo que diz: será submetido a reclusão de 25 a 30 anos quem tiver a **intenção** de internacionalizar mais do que 2 mil hectares do território nacional sem a aprovação do Congresso. Eles internacionalizaram 28 milhões de hectares, segundo dados do Tribunal de Contas da União. O ex-Procurador Geral da República, Aristides Junqueira e eu preparamos uma representação que demos entrada na Procuradoria Geral da Justiça Militar pedindo fosse

verificada essa evidência e cumprida a lei. Ele está lá arquivado, é só aplicar a lei para levar para a cadeia os principais responsáveis e restituída a Vale ao seu verdadeiro dono: o povo brasileiro.

Geosul – Eu queria que o senhor falasse mais um pouquinho sobre a relação que o senhor teve com o Belluzzo, com o João Manoel no governo Sarney.

Bautista – Nunca consegui diálogo com eles, eu era amigo deles, e na época também havia o Luciano Coutinho que era o secretário Geral do Ministério da Ciência e Tecnologia. O único indivíduo que consegui conversar, mas os resultados não foram bons, foi com o Funaro, a máquina do Ministério da Fazenda não permitiu. Funaro era um homem sério. Depois tiraram-lhe a escada quando ele estava no exterior negociando a moratória. Houve sabotagem do João Sayad, que era ministro do planejamento e vai agora para a Secretaria da Fazenda do governo do PT em São Paulo e do pessoal entreguista da área financeira. O João Manuel era parente do Severo, eu tenho o maior apreço por ele. Hoje é um homem da resistência nacional. O Belluzzo também tem uma linha nacionalista como o Paulo Nogueira mas, naquela época, eu não a tinha identificado, talvez por causa do afastamento dos economistas da questão tecnológica, pois as teorias chamadas econômicas a consideram uma variável exógena ao processo produtivo. Precisamente por isso não são nem teorias nem econômicas, mas artifícios financeiros.

Geosul – O que observei aqui nas conversas é o seguinte: me pergunto se é possível hoje existir um projeto verdadeiramente nacional sem a inclusão da biomassa?

Bautista – Eu acho que não, pela seguinte questão: nós somos um território ocupado. Ocupado e com os instrumentos fundamentais de luta dominados por forças externas. Estamos vivendo uma tirania financeira de moeda falsa, além da situação desesperadora das dívidas internas e externas já pagas muitas vezes que deixa o país acuado e na ruína. É claro que o governo contribuiu de maneira decisiva para criar essa condições. Nessa situação, deslumbro apenas dois instrumentos de poder. Me atreveria a dizer três, embora deixe o terceiro para o final. Um é a perspectiva da escassez do petróleo que atingirá de modo fulminante as nações hoje hegemônicas. A única alternativa mundial é a biomassa, só

possível a partir dos trópicos. Isto nos cria um fantástico instrumento de poder de negociação. Hoje você não negocia nada. Com esta arma, você poderia sentar em qualquer mesa de negociação e, se tivermos dirigentes à altura, negociar de igual para igual. É claro que o atual governo não cogita isso nem pode porque são agentes do outro lado e não têm competência. O segundo é a posição recolhida das Forças Armadas, se preparando para embates relacionados com a sobrevivência nacional. A terceira que considero de enorme importância, é a consciência da realidade que estamos vivendo com o debate que está começando, como esta Semana da Geografia na UFSC. Quer dizer, se nós conseguirmos fazer multiplicar esses debates, aprofundando e esclarecendo as questões fundamentais e criar grupos nas universidades, nas forças armadas, entre os empresários que sobraram de capital nacional etc., a consciência sobre a necessidade de elaborar um projeto de salvação nacional, que crie esperanças nos jovens, contando com o apoio de setores estratégicos da sociedade, como as forças armadas, a Igreja Católica, numa mobilização nacional que pode levar a mudanças profundas como ocorreu, com as características da época, na Revolução de 30. Somente a união de todos, civis e militares juntos, a união da família brasileira, enfrentando as grandes mudanças que exigem a sobrevivência deste povo brasileiro como sociedade organizada **AUTÔNOMA**. Os atuais partidos políticos atuais ainda não perceberam isso. No caso específico da revolução de 30, não foi necessariamente de salvação nacional, mas visou a superação daquela situação desastrosa que vinha da República Velha.

Geosul – Quer dizer que a função dos professores de universidade seria forçar os partidos políticos a incluírem a questão fundamental da energia da biomassa?

Bautista – Não creio que os partidos políticos hoje vão fazer esse papel, porque eles estão dominados pelo processo eleitoral que os anula, são prisioneiros dele. E falta-lhes motivação para se libertar dessa vexatória situação que os anula da sua principal razão de existência. Ou seja, são estruturas mortas buscando alcançar as benfeitorias dos cargos públicos.

Geosul – Mas então quais seriam os agentes, se não são os partidos?

Bautista – Os partidos vão ter que se reformar, o que é muito difícil. É mais fácil criar novos partidos. A maioria dos atuais irá morrer, estão caindo de podre. Quer dizer, vamos ter que partir para coisas que aconteceram em 30. Montar novos partidos políticos dentro de um processo que seja democrático, o que está aí é uma tirania absurda do dinheiro controlado de fora e da mídia dominada pelo dinheiro. Há longo prazo que o Congresso Nacional somente aprova questões cruciais contra o Brasil, nada a favor do Brasil. Tudo o que o Collor quis, tudo o que o FHC quis, foi tranqüilamente aprovado. O país hoje está submetido à legislação de Medidas Provisórias do Executivo. Pode haver maior ditadura? E claro que isso não é extensivo a todos os parlamentares, mas a grande maioria joga no outro time e foi colocado lá com esses objetivos. Eles dependem desse esquema para garantir sua sobrevivência, dependem da tirania do dinheiro que controla de modo absoluto os meios de comunicação de massa. Isso vai ter que ser revisto em profundidade. Nós temos que caminhar necessariamente para a reestruturação democrática, mas como resultado de um processo profundo de transformação, em que tudo isso que está aí tem que ser varrido. Revisões profundas na questão legislativa, na questão judiciária. E claro, com lideranças que vão surgir na refrega, na luta. Hoje não vejo ninguém em condições de fazer isso. Vão ter que surgir novos líderes, mais ou menos como aconteceu na revolução de 30. Havia várias figuras proeminentes à época. O Getúlio não precedeu à revolução de 30, ele surgiu com a revolução de 30, como o mais astuto, tendo ao lado figuras como Oswaldo Aranha e muitos outros. Havia um contexto de lutas e o Getúlio, como o mais sagaz terminou sendo o líder. Lembrem-se da Coluna Prestes, os 18 do Forte de Copacabana, da rebelião dos tenentes, das ações separatistas dos paulistas que estouraram em 32 e finalmente da ditadura de 37, essencial para Getúlio realizar as principais reformas favoráveis ao povo brasileiro. Não se trata de uma defesa, mas de um fato. Está na história. Em contrapartida, se o que estamos vivendo hoje é um regime democrático, ele é o pior que o homem já inventou, pois está levando o nosso país à ruína e a nação as desmembramento.

Geosul –Eu li algumas coisas sobre a escassez do petróleo, dizem que o petróleo vai pelo menos até 2020. Então teríamos uma fase

de transição ainda comandada pela energia do petróleo. Os países do primeiro mundo, além da biomassa não tem tentado, o senhor tem informações, enfim, ou vislumbra algo desse tipo, alternativas energéticas que não passam pela biomassa?

Bautista – Houve um grande esforço do Governo Carter nesse sentido, um largo espectro de tentativas, mas não foram positivas. Ademais houve um esforço gigantesco, frenético, no Governo Nixon na procura frenética de novas reservas de petróleo. Não foram porém descobertas reservas superiores a um ano de consumo.

Geosul – Isso estava ligado à energia nuclear, entre os esforços do Nixon?

Bautista – Não, o esforço do Nixon era basicamente na prospecção de novas reservas de petróleo em várias partes do mundo, mas principalmente nos EUA. Os resultados foram irrisórios, mais se conseguiu com redução de desperdícios do que com novas descobertas.

Geosul – Isso incluía o Alasca por exemplo?

Bautista – O esforço estendeu-se a todo o mundo. Essa questão de que vai ter petróleo até o ano 2020 é apenas questão aritmética que depende da evolução no jogo de poder mundial. Se você dividir as reservas conhecidas pelo consumo anual, você chega a um número, mas esse número não quer dizer muito, porque os prazos são muito curtos. A grande potência militar mundial, os EUA, têm petróleo no seu território para apenas cinco anos, Japão tem para zero anos. Alemanha, para zero anos. Então, muito antes de que a perspectiva do fim do petróleo venha a ocorrer, muitíssimo antes, evidentemente, as potências nucleares vão reservar o petróleo que resta para elas. Tanto é assim que aonde está situado mais de 80% do petróleo do mundo já é ocupado pelas forças armadas norte americanas. A qualquer momento eles podem bloquear o acesso ao petróleo e todo mundo sabe disso. Só os tecnocratas brasileiros ignoram esse fato crucial. Podemos imaginar o que ocorrerá com os que não são aliados deles e que não tem poder nuclear. Entre nações de verdade não existem amigos, mas interesses. É uma perspectiva muito perigosa, por isso é inconsistente ficar marcando prazos, isso pode acontecer nos próximos seis meses, ou nos próximos cinco anos. São prazos extremamente reduzidos para

poder fazer frente a uma mudança de um combustível de uso extensivo e reconstruir a estrutura tecnológica, sempre ligada a uma forma determinada de combustível. Então, a nossa alternativa é procurar com a maior rapidez possível uma alternativa nas dimensões que o petróleo representa, no âmbito nacional e internacional. A Petrobrás foi muito longe na descoberta de reservas que, para a demanda brasileira são razoáveis para garantir um prazo de reconversão que necessitamos para o uso extensivo dos derivados da biomassa. Entretanto, esse petróleo em território nacional pode ser tomado militarmente a qualquer momento. Na realidade, nem está sendo necessário, pois a Agência Nacional de Petróleo está desesperada para entregar logo tudo. Já tem até o lema “O Petróleo é Vosso”. Já a biomassa é quase que impossível ser dominada militarmente pois teriam que ocupar largas extensões do território. Seria muito complicado. Então, teríamos que fazer um grande esforço, pelas bordas, construindo uma infra-estrutura de combustíveis alternativos para que, num certo momento, quando a falta de petróleo ocorrer, podermos ter um papel importante na solução do problema que é mundial. Ou eles nos destróem, o que provavelmente é a intenção, ou nós vamos ter possibilidade de negociar as soluções energéticas deles através dos derivados da biomassa. O poder da bomba nuclear serve apenas para destruir, a biomassa constrói, ela significa sobrevivência para todos!

Geosul - Haveria alguma classe da sociedade brasileira que estaria disposta a batalhar pela implantação de um plano nacional da biomassa?

Bautista – Eu não diria que há uma classe, primeiro porque a estrutura de classes no Brasil é muito desarticulada, embora agora está se formando uma coisa muito perigosa, que são esses super ricos da área financeira do governo ou a ela ligada, tecnocratas sem qualquer escrúpulo ou patriotismo que estão roubando a nação com as internacionalizações e viram banqueiros ou associados a delinqüentes externos da noite para o dia. Uma coisa nunca vista! Está assim se formando uma casta muito violenta e perigosa. Por outro lado, não identifico nenhum setor, ou até classe ou categoria, que venha a se opor ao enriquecimento do país e à possibilidade de se criar uma imensidão de novos postos de trabalho e novas e importantes demandas industriais, além de justificar a criação de

poderosa estrutura tecnológica montada sobre uma nova forma energética extensiva que venha a substituir o petróleo. Isso porém dependeria da recuperação da soberania nacional, da ruptura com o nefasto sistema financeiro internacional e do afastamento do poder do bando de agentes que servem a interesses externos. O Brasil transformar-se-ia numa potência energética.

Geosul – O latifúndio ou a burguesia industrial?

Bautista – Muito pelo contrário, eles não se oporiam, eles só têm a ganhar. Agora, eles não têm postura para enfrentar o setor financeiro do qual eles dependem e que os está esmagando. Vivem acuados e não se organizam para resistir. Por isso não podemos contar com eles, temos é que contar com as forças armadas e com a massa de desempregados, com os sem-terra, sem-tetos etc.. Tínhamos que fazer uma marcha para o campo como os EUA fizeram no século passado: a marcha para o Oeste. Para isto, porém precisaríamos de modo vital da existência de um Estado forte, decidido a desenvolver o País e fortalecer o seu povo. De modo inexorável nos transformaríamos em uma potência, humana, generosa e solidária com os outros povos. Não precisamos tomar nada de ninguém: pelo contrário, temos é que dar. O que não aceitamos é sermos eternamente espoliados e ter o nosso povo na miséria.

Geosul – Então o grande sustentáculo da biomassa inicialmente seriam as forças armadas?

Bautista – Eu diria que as forças armadas não vão entrar em qualquer aventura se não houver suporte da sociedade brasileira. Elas rejeitam a hipótese de golpe porque a estrutura militar se fundamenta nos princípios da hierarquia e da disciplina. Se colocam um general não comprometido com o Brasil na cúpula do poder, anula todos os demais, ou seja, subordina toda a máquina militar a esse chefe. As forças armadas estão desempenhando um papel muito importante, por exemplo, na defesa da Amazônia, embora os ministros sejam nomeados por governos entreguistas. Os Estados Maior deles, porém, que são coletivos, têm tomado posições nacionalistas consistentes. São coletividades de linha nacionalista, pois isso é intrínseco à profissão deles, defender a Pátria, qualquer que tenham sido os erros do passado. Nisso, o fim do poder soviético ajuda. Era o “bicho papão” dos militares

Geosul – Eles são bloqueados pela imprensa? Eu sinto que há uma necessidade de resgatar a verdadeira função do exército, das forças armadas do país.

Bautista – Nesse sentido o bloqueio é muito grave. O projeto da imprensa é destruir as forças armadas pela dependência que têm de injunções externas, do dinheiro externo, uma tirania inaceitável. Esta é a razão pela qual os militares estão evitando expor-se, estão recolhidos. A imprensa bate neles e eles não reagem. As tentativas que foram feitas para criar dificuldades para os militares, por exemplo fazer que eles ocupem favelas, cuidem do narcotráfico, e outras provocações, não foram poucas. Eles receberam ordem para isso, foram lá, mas sempre procuram sair logo. Nisso têm demonstrado grande habilidade. As forças armadas não têm nem preparo, nem armas para esse tipo de ações, própria da polícia. Eles são enviados para essas ações para serem desmoralizados ante a população. Como foi também o caso de serem mandados para “proteger” a fazenda de FHC, em Minas Gerais, dos Sem Terra. O fato é que eles têm conseguido sair dessas provocações sem serem desmoralizados, com exceção da ocupação da Companhia Siderúrgica Nacional, onde houve morte de operários amplamente explorada pela imprensa. Há portanto um projeto para tentar desmoralizá-los que é apoiado por um certo tipo de políticos da esquerda, que com isso fazem o jogo dos interesses antinacionais. Claro que eles sabem que há uma base de resistência nacional, de extrema importância.

Geosul – Professor, do ponto de vista dos partidos que existem no Brasil hoje, eu me lembro que nas eleições de 98, 94, o PT fez referência a um projeto para o exército brasileiro. Como é que as forças armadas responderiam a uma posição dessa de um partido como o PT falar de um projeto desse tipo, qual a receptividade disso?

Bautista – Eu não identifico esta questão, mas havia uma posição explícita, por exemplo, do Genuíno. Não acredito que fosse do PT, havia pessoas no PT que entraram nessa. Nisso fiquei sempre com o pé atrás, de onde realmente provinha esse projeto, porque eu não confio no Genuíno, e eram idéias fechando com idéias internacionais, do Pentágono, de que o Brasil não precisa de forças armadas. A sociedade civil organizada substituiria o Estado. Que

sociedade civil? Onde está a sociedade civil atualmente na Rússia, após a destruição do Estado soviético? Uma das conseqüências da dinâmica de enfraquecimento das forças armadas brasileiras foi a criação do Ministério da Defesa, entidade absurda que desde sua criação demonstrou a que veio, o primeiro passo desse projeto.

Geosul – As coisas que o Lula dizia nesse sentido tem essa direção também. Eu me lembro do Lula ter feito essa referência.

Bautista – Eu não creio que no caso do Lula houvesse más intenções, embora o Lula tenha dificuldade em compreender certos aspectos. Ele repetia maus conselhos de certos assessores com a melhor das intenções, acredito. No meu entender, hoje nas forças armadas, a grande questão é a questão nacional. Agora, não está havendo a vontade dos partidos políticos nessa direção. Eles estão em outra, nem se interessam pelo desenvolvimento de um Projeto Nacional, no caso essencial, a nossa sobrevivência.

Geosul – Eu vi outro dia o Ministro Bresser Pereira dizendo que o Pró-Álcool não deu certo porque o povo prefere o carro a gasolina.

Bautista – Repare o seguinte: eu tenho participado nos últimos anos de debates profundos com setores militares, trabalhadores, estudantes. Agora aqui na Geografia da UFSC. Me exponho ante auditórios inteligentes, preparados. Na hora que eles constatam que medidas dessa natureza são fruto de uma campanha anti-nacional, eles entendem logo. Fica fácil de entender. Se você conseguisse falar num canal de televisão de alcance nacional durante duas horas sobre isso, você coloca a sociedade brasileira inteiramente a favor da defesa dos nossos mais legítimos interesses. Os inimigos dificilmente aparecem nessas circunstâncias, eles são despreparados e covardes. Não resistem ao contraditório, mas falam com exclusividade, sempre com grande malícia e falta de caráter, pelos meios de comunicação de massa, têm o monopólio para falarem para o povo. Desinformam, mentem, confundem e enganam a população que não tem acesso à verdade. Sem a informação o povo não pôde refletir. Sem opinião pública não há poder nacional: a Nação vira uma nave à deriva. Vai arrebentar-se no primeiro rochedo que encontre!

Geosul – A questão midiática é a questão da agitação e da propaganda. É a questão da persuasão.

Bautista – Você veja: nós estamos a três dias falando aqui na Geografia da UFSC, quatro horas cada dia e ... mal começamos. A questão nacional é muito ampla, muito complexa, recolhe todos os aspectos da sociedade. O uso da biomassa significa a mudança de um combustível extensivo que movimentava o mundo, tem implicações de toda ordem. O fim do petróleo está historicamente estabelecido. Precisa haver uma inteligência para administrar a mudança. O grande público sabe apenas em linhas gerais, escravo da mídia, por isso tem que haver uma inteligência que atue nos diferentes campos, um sujeito que atue com profundo compromisso com a nação. Ele tem que estar por dentro, estrategicamente informado do significado das implicações, das mudanças. Por isso é que a mídia não gosta dessas informações. O Gilberto Vasconcellos foi o primeiro profissional das Ciências Sociais que se dispôs a discutir a questão. Desafiei Celso Furtado, Maria da Conceição, Luciano Coutinho, Milton Santos e tantos outros, há mais de dez anos, a discutir essas questões, às quais eles sempre estiveram mudos e surdos. Com exceção do Milton, são contadores que ignoram que o desenvolvimento dos povos e das civilizações dependem vitalmente das questões energéticas. Vivemos assim no pior dos mundos: no vil estado de colônia.

Geosul – O modelo, projeto da CEPAL, é uma proposta de organizar de alguma maneira, na América Latina, a expansão do capitalismo.

Bautista – De uma certa maneira sim. Mas trata-se de capitalismo dependente, porque o capitalismo pode ser autônomo, como o capitalismo norte-americano, o inglês, o francês e o japonês. Eles não são dependentes. Nós adotamos o modelo dependente no que é crucial, na tecnologia que equaciona e define o crescimento, impedindo o desenvolvimento. O crescimento é financeiro, o desenvolvimento é econômico. Esse crescimento é uma deformação, vai no âmago impedindo o desenvolvimento, é o modelo de antidesenvolvimento. Será que se pode chamar isso de capitalismo? É um capitalismo de capital externo abstrato e falso, aplicado em uma colônia. Onde não existe capitalismo nacional, imperam delinqüentes conduzindo de fora por meio de agentes nativos.

Geosul – Pois é professor, nesse caso, são duas coisas. A lógica do capitalismo é essa: o capitalismo se expande, se expande. Marx já dizia que o capitalismo, no conceito de capital, só pode ser mundial. Então ele vai se expandindo.... Agora qual é outra possibilidade? A outra possibilidade é que possa haver burguesias ou Estados nacionais, porque o que se vê claramente nesse capitalismo é que não há o domínio interno, ou seja, em que o centro dinâmico do capitalismo, das acumulações capitalistas, fosse interno.

Bautista – Mas aí tenho uma discordância fundamental com Marx. Essa questão do capital mundial, não tem fundamento. O que é o capital? É a simbologia, a representação da riqueza. E onde é que está a riqueza? Está nas nações, no mundo físico, em seus territórios. Então, mundial porquê? Não há nenhum fundamento concreto para essa afirmação, inclusive nas próprias teorias econômicas no que ainda lhes sobra de legítimo que é a valorização comparativa dos fatores de produção. Ela é necessariamente local. Então essa idéia do capitalismo mundial tem uma profunda incongruência com a realidade, fruto de um regime de rapinagem em que as nações hegemônicas roubam as riquezas das nações militarmente fracas que, por isso, se transformam em colônias.

Geosul – Mas se desde o seu início, o capitalismo como relação social, como modo de acumulação das riquezas, não é uma riqueza qualquer, é a riqueza acumulada com o capital, se ele se expande, da Inglaterra à Índia e vai do século passado para cá se expandindo, para todo o mundo, submetendo todo mundo, como que não é mundial?

Bautista – Não, não. Há aí uma inconsistência nos próprios conceitos, porque o que você está falando é da questão da moeda, da questão do capitalismo financeiro que hoje não tem nada a ver com o mundo concreto, com a riqueza concreta, com o que hoje é conhecido como meio ambiente que constitui a ecosfera, onde é possível haver vida e de onde se retira toda a riqueza: a energia e as matérias primas transformadas em bens e serviços graças ao homem, à inteligência do homem que é a tecnologia. Não há nada mais local do que o homem. O mundo concreto é baseado na terra, na água, na energia, nas matérias-primas e na tecnologia. O

dinheiro, o capital financeiro não passa de uma picaretagem de papel pintado falso, isso hoje é uma falsa abstração, uma falsa simbologia. As vezes ele só é fruto da digitação em redes integradas de computadores dos chamados bancos centrais, o principal dos quais, o principal emissor, secreto, mafioso, delinqüente, que emite em regime de tirania sem qualquer critério legítimo. O capital financeiro hoje não resiste à menor análise, é um conceito inconsistente e falso. O que hoje se chama de capitalismo é uma grande delinqüência ferindo os próprios conceitos que fundamentaram originalmente o capitalismo. Nem isso é capitalismo, é algo muito mais perverso do que o capitalismo como ele existiu até agora. É claro que Marx não viu isso. Ele era um pensador e não um profeta. E, quando atualmente você analisa os recursos monetários, você foge da substância do processo produtivo, da verdadeira riqueza que se fundamenta na tecnologia, na energia e nos recursos da natureza. De outro modo, fica tudo sem consistência. Trata-se de uma armadilha da mais violenta das tiranias.

Geosul – Essa concepção de capital mundial, é no fundo um engodo.

Bautista – É um engodo dentro do capitalismo, porque o capitalismo nas suas fases construtivas de quem se beneficiou dele, é claro, tinha uma certa consistência, a moeda correspondia a riqueza real. Hoje não tem mais nada disso. Trata-se de uma esbórnica generalizada. De uma cassino, como o definiu lord Lever, ministro do tesouro britânico, na primeira metade dos anos 80.

Geosul – Mas essa fase da financeirização, é uma fase na história do capitalismo, relativamente recente, dos anos 70 para cá, e então como é que o senhor vai me explicar agora a submissão, o que é o capital? O capital é, vamos dizer assim, para falar como Marx, uma relação social, de assalariamento, de acumulação pela acumulação. É essa acumulação de riqueza pelo trabalho.

Bautista – Trabalho humano você quer dizer. Esse trabalho não entra nas cogitações dos condutores desse espúrio sistema financeiro ao qual estamos nos referindo.

Geosul – Entra sim senhor, só que esta riqueza, a lógica é que essa riqueza tem que ter uma medida, vamos dizer assim, ela tem que

aparecer de alguma maneira, e ela aparece na forma mais abstrata que é o dinheiro.

Bautista – Mas o dinheiro hoje não é mais um valor símbolo da riqueza e muito menos do trabalho do homem, hoje um excluído é objeto de extermínio porque ele não é mais necessário. Você está falando em relação à época em que Marx vivia, quando esses conceitos era verdadeiros; como seria bom que Marx ainda vivesse para rever todos esses conceitos à luz da realidade atual.

Geosul – Ainda tem professor, ainda tem. Quando o senhor paga, por exemplo. A expansão, e aí tem que dizer que o capitalismo mesmo, capital na China, onde milhares e milhares de trabalhadores, estão trabalhando para o capital.

Bautista – Isso é outra coisa. Por isso ele ainda circula. Com a ocupação do Oriente Médio com forças militares você só compra petróleo pagando com essa falsa moeda. Como é então que você quer que ele não exista. É claro que a Alemanha, a França, o Japão, até a China sonham sair dessa esbómia mas, para isso, precisam do poder para enfrentar a maior potência nuclear.

Geosul – Para mim é o mesmo.

Bautista – Não, esse ao qual você se refere é o capital verdadeiro.

Geosul – Professor, agora vou pedir para o senhor fazer, como engenheiro, como físico, uma mensagem para os geógrafos, e para o futuro do Brasil nos 500 anos, tempo e lugar.

Bautista – No meu pensamento de físico quem não vive o seu tempo e o seu lugar, não é nada. Lugar nosso, como filho de uma nação com território físico determinado, de onde provêm todas as riquezas. E mais ainda, se nós ignoramos o nosso espaço e o nosso tempo, somos mentes colonizadas conforme define Ortega y Gasset. A discussão que estamos travando não é a de mentes colonizadas, mas a daquelas mentes que conseguiram e querem se descolonizar. É claro que a consequência disso é a descolonização do nosso país, da nossa terra. Então eu venho tentando há algum tempo, inclusive procurando pessoas luminares do setor da Geografia, para travar esse debate. Ninguém melhor do que um geógrafo para entender o locus concreto das riquezas. A energia que movimenta o mundo, que é o grande instrumento de poder, instrumento de libertação, portanto, se estiver em mãos adequadas e se for adequadamente distribuída. Não sou profissional da área,

mas tenho experiência de vida para considerar que essa é uma ciência fundamental na compreensão da questão energética, das suas transformações e seus reflexos nos fatos econômicos, no próprio surgimento e vida das civilizações. A Geografia tem tudo para criar um novo ramo, a partir do Brasil, porque é dos trópicos que surgirão as novas idéias desse novo ramo da ciência. Uma espécie de geografia dinâmica que tem como elemento analítico fundamental a energia, que sempre está na natureza e que a conforma e movimenta. Essa nova ciência estudaria as mutações dos acidentes da natureza ante a ação das forças energéticas, sempre tendo origens naturais. Cientistas de outras regiões que não as tropicais se desinteressam por essas mutações porque em suas localizações geográficas a energia não têm o poder de transformação que têm nos trópicos. Diariamente incide sobre a bacia amazônica, por exemplo o equivalente à energia provocada por seis milhões de bombas nucleares do porte da lançada sobre Hiroxima. O efeito “el Niño” nas águas do oceano Pacífico representa energia de centenas de milhões de bombas desse porte. Não dá para deslocar o sol dos trópicos para Nova Iorque. Por isso essa ciência somente poderá surgir a partir das regiões tropicais, únicas que detêm o reator a fusão nuclear, o Sol. Então dentro desse princípio, espero muito desses debates aqui iniciados e espero que outros grupos venham a se envolver nisso. A nossa responsabilidade é imensa. Tenho assim muitas esperanças que setores do conhecimento ligados à Geografia e também à História, venham a se envolver no estudo dessas questões. Vamos ter que discutir essas questões; não aceito a postura dos donos da verdade, daqueles que se recusam a debater os princípios da ciência em benefício do ser humano, do nosso país e da humanidade. Essa não é uma postura eticamente defensável, nem como cidadão, nem como profissional ou cientista. Talvez a verdade última seja inalcançável, mas é preciso sempre persegui-la, senão não somos intelectuais. O envolvimento de categorias profissionais diversas tem tudo a ver com a questão energética no momento em que o mundo desperta para as questões ecológicas e para o colapso dos combustíveis fósseis. Assim, é algo de fundamental importância. Pode mudar os rumos da sociedade brasileira, saindo desses 500 anos de dependência e em que nós temos sido vítima como colônia

que desconhece o seu espaço físico e o tempo em que vivemos. Isto deve ser considerado como fruto de uma oportunidade histórica única, pois anteriormente não havia a perspectiva de colapso energético, além do ecológico. Os mais prejudicados e comprometidos são exatamente as nações que hoje consomem 80% do petróleo que resta. Tenho muitas esperanças que esse debate prossiga evidentemente envolvendo a gente que pensa e que tem compromissos com o seu povo e com a humanidade. Precisamos reagir aos que afirmam que “o inimigo é a própria humanidade”. Precisamos reagir aos genocidas que a estão destruindo. O nosso objetivo é a vida, a preservação da beleza de viver. Temos que reescrever o hino ao amor aos seres vivos.

Geosul – Bom, quero agradecer muitíssimo ao Professor Bautista Vidal por ter concedido essa entrevista para ser publicada, e agradecer ao